

“Olhando aqui de perto, tudo é tão normal” - Imersão etnográfica em *show* da banda Apanhador Só¹

Belisa Zoehler Giorgis
Luiz Antonio Gloger Maroneze
Sandra Portella Montardo

Universidade Feevale, RS, Brasil

Resumo

Este estudo apresenta apontamentos de uma imersão etnográfica no *show* “Acústico-sucateiro” da banda Apanhador Só, realizado em 28 de junho de 2015, no Parque Farroupilha, em Porto Alegre, que ocorreu como parte das ações de financiamento coletivo da turnê “Na sala de estar” e do próximo álbum da banda. No trabalho, foram utilizados conceitos de etnografia, cultura e identidade, com base no conceituado por Clifford Geertz (2008), Roy Wagner (2010) e Stuart Hall (2006). A partir desse referencial teórico, foi realizada reflexão sobre os aspectos apresentados na descrição do *show*, a partir de imersão etnográfica – termo este utilizado por tratar-se de prática etnográfica realizada por quem não é antropólogo. Concluiu-se que foi alcançado o objetivo de verificação das articulações entre os conceitos apresentados e as informações coletadas, comentando-se também das dificuldades do fazer etnográfico em *show*, o necessário distanciamento e as escolhas a serem realizadas, e a influência dos afetos no processo e no resultado final.

Palavras-chave: Etnografia. Cultura. Identidade. *Show* musical. Porto Alegre.

1 Introdução

Este trabalho pretende apresentar apontamentos de uma imersão etnográfica em *show* da banda Apanhador Só realizado no Parque Farroupilha, em Porto Alegre, em junho de 2015. A banda possui um histórico de proximidade com seu público e, a partir

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, em João Pessoa/PB.

dessa relação, vem mantendo a realização de seu trabalho independente. A partir disso, o problema que se apresenta é: como se articulam questões de cultura e identidade nesta apresentação do *show* Acústico-Sucateiro da Apanhador Só? O objetivo principal é compreender como se articulam as questões de cultura e de identidade, a partir de um olhar etnográfico. Os objetivos específicos são: construir o referencial teórico de etnografia; descrever o *show* Acústico-sucateiro em detalhes; e analisar o *show* com base em conceitos de cultura e identidade. Para este estudo, realizou-se pesquisa bibliográfica sobre etnografia, cultura e identidade, com a utilização dos autores Clifford Geertz (2008), Roy Wagner (2010) e Stuart Hall (2006).

2 Etnografia como prática da antropologia

De acordo com Geertz (2008), o estudo da antropologia surgiu em torno do conceito de cultura. Este conceito vem sendo debatido e há uma busca por seu desenvolvimento no sentido de uma limitação e especialização que o coloque numa dimensão justa, e que possibilite a continuidade de sua importância, evitando que se debilite. O autor defende um conceito de "cultura essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrados a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise [...], como uma ciência interpretativa, à procura do significado." (GEERTZ, 2008, p. 4).

A etnografia, conforme Geertz (2008) é o que fazem os praticantes da antropologia social, que é a prática do estabelecimento de relações, seleção de informantes, transcrição de textos, levantamento de genealogias, mapeamento de campos, a manutenção de um diário, entre outros, representando um risco elaborado para uma descrição densa a partir de um esforço intelectual. De acordo com o autor, o objeto da etnografia é “uma hierarquia estratificada de estruturas significantes” em que aspectos são “produzidos, percebidos e interpretados” como “categoria cultural” (GEERTZ, 2008, p. 5). O etnógrafo, segundo o autor, deve continuamente buscar seu caminho através de “estruturas superpostas de inferências e implicações” (GEERTZ, 2008, p. 6), realizando a análise na forma da escolha entre as estruturas de significação, apreendendo e depois apresentando estruturas conceituais complexas.

Geertz (2008) considera a cultura um documento de atuação, e, por conta disso, pública, em razão de o significado o ser, e é uma ideiação e não-física. De acordo com o autor, o que se deve perguntar a respeito de um aspecto detectado na etnografia é a sua

importância, “o que está sendo transmitido com sua ocorrência e através de sua agência” (GEERTZ, 2008, p. 8).

O objetivo da antropologia, conforme Geertz (2008), considerando a cultura um contexto, um sistema entrelaçado de signos interpretáveis, é alargar o universo do discurso humano. Nisso está incluído o ato do etnógrafo de situar-se, não buscando tornar-se um nativo, mas estabelecendo um diálogo. Os textos antropológicos, de acordo com o autor, são interpretações, e podem ser mesmo considerados ficções. É preciso, de acordo com o autor, que os antropólogos compreendam que a cultura existe onde foi observada, e a antropologia existe no que é produzido a respeito, sejam escritos, exposições, filmes etc. Com isso, tem-se que “a linha entre o modo de representação e o conteúdo substantivo é tão intracável na análise cultural como é na pintura” (GEERTZ, 2008, p. 12). Segundo o autor, o isolamento dos elementos da cultura e a especificação das relações entre eles é a forma de estabelecer a cultura como sistema simbólico. O fluxo do comportamento, conforme o autor, é um aspecto ao qual se deve estar atento, pois é através dele, como ação social, que as formas culturais encontram sua articulação. Com isso, se pode ser levado, com uma boa interpretação, ao ponto fundamental do que o etnógrafo está se propondo a interpretar, realizando o que o autor apresenta como um tipo de interpretação antropológica, “traçar a curva de um discurso social; fixá-lo numa forma inspecionável” (GEERTZ, 2008, p. 13). Ao anotar o discurso social, conforme o autor, o etnógrafo o conserva para estudo, pois ele pode ser consultado novamente.

De acordo com Geertz (2008), uma análise cultural deve ser uma avaliação que permita traçar conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas. Nisso está o que o autor propõe como as “três características da descrição etnográfica: ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis.” (GEERTZ, 2008, p. 15).

As abordagens interpretativas tendem, conforme Geertz (2008) a resistir à articulação conceitual. A tensão entre a necessidade de apreender e de analisar cresce proporcionalmente ao aprofundamento do desenvolvimento teórico, e em termos de teoria cultural a generalidade vem da delicadeza das distinções. O autor aponta como segundo aspecto que a teoria cultural não é profética, apresentando também que, na etnografia, o dever da teoria é a elaboração de apontamentos que propiciem a expressão

do papel da cultura na vida humana. A partir desse referencial, passamos à descrição do *show* que se pretende analisar.

3 O *show* Acústico-sucateiro e sua análise

A Apanhador Só é uma banda de *rock* independente de Porto Alegre que iniciou em 2003. No decorrer de sua carreira, já lançou três EPs e três álbuns. A banda teve sempre como característica forte suas apresentações ao vivo e a relação com seu público, seja presencialmente nos *shows* ou por meio de outras formas de interação, com o uso da Internet para disponibilização gratuita de seus álbuns para *download* e comercialização de seus produtos – álbuns, camisetas, bottons – em seu *site*, por meio de *streaming*, em *sites* desse tipo de serviço, com a publicação de vídeos, no YouTube, e uma série de ações de divulgação e interação com seu público por meio de *sites* de redes sociais, como o Facebook e o Twitter. Além disso, realizaram em 2012 a ação de financiamento coletivo, também conhecida como *crowdfunding*, para a gravação de seu segundo álbum. Como uma das ações de aproximação com o público, foi realizada uma apresentação ao vivo no Parque Farroupilha, em Porto Alegre, chamada “Acústico-Sucateiro”, em que era feita a releitura de canções próprias com instrumentos acústicos e outros objetos utilizados para produzir som. Na ocasião desse *show*, foi passada entre os presentes uma caixa onde se lia “chapéu”, em que eram coletadas doações para o projeto. O financiamento coletivo foi bem-sucedido, e a banda pôde gravar e lançar seu álbum.

Em 2011, quando do lançamento de seu álbum “Acústico-Sucateiro”, gravado em uma sala de estar, a Apanhador Só realizou *shows* no bar Ocidente, em Porto Alegre, com ambientação de sala de estar, e na sala da casa do vocalista, onde havia sido gravado o álbum. Em 2013, após algumas apresentações na casa de fãs como contrapartida à colaboração no projeto de financiamento coletivo que viabilizou o segundo álbum, a banda realizou mais uma temporada de *shows* na sala de estar. Tratavam-se de apresentações com uma proposta intimista, para um público de cerca de 75 pessoas.

Em 2015, a Apanhador Só retomou este formato de turnê, chamada “Na sala de estar”, realizando temporadas nos meses de abril e junho, para públicos de até 150 pessoas. Como os *shows* foram bem-sucedidos, tendo seus ingressos esgotados, a banda criou um evento no *site* de rede social Facebook para organizar a turnê pelo Brasil, em

idades que foram votadas pelos fãs, que também realizaram a indicação de locais. No total, foram escolhidas 21 cidades, em todas as regiões do país. Então, a Apanhador Só iniciou o projeto de financiamento coletivo para custear a estrutura para a realização desses *shows*, que, após a turnê, seria vendida para que fosse realizado o custeio de produção de seu novo álbum.

Como parte das ações voltadas a esse financiamento, a banda realizou em 28 de junho de 2015 mais uma edição de seu *show* Acústico-Sucateiro, no gramado em torno do chafariz do Parque Farroupilha, em Porto Alegre. Este é o *show* que interessa, para este trabalho, descrever e analisar. Nele, também foram recebidas doações para o financiamento coletivo da turnê “Na sala de estar” junto com o novo álbum, ao mesmo tempo que esse processo também ocorria *online*.

A principal forma de divulgação do *show* foi por meio do evento criado no Facebook em 23 de junho. A banda, diante do expressivo número de confirmações no evento, que chegou a mais de nove mil, publicou um *post*, no dia anterior ao *show*, informando que, diante desse número, provavelmente a maior parte dos presentes não escutaria o som, em razão de que, para viabilizar o *show*, a estrutura era pequena, contando com amplificação somente para a voz e o violão. Nessa mesma postagem, a banda convidava a todos a levarem instrumentos e objetos para compor uma “orquestra sucateira”.

Em razão da autora que realizou a prática da imersão etnográfica ter chegado em horário próximo ao seu início, e por tratar-se de um domingo de sol e calor em pleno junho em Porto Alegre, o que fez com que muitas pessoas fossem para o Parque Farroupilha para aproveitar o dia, já havia muitas pessoas no local. O Parque Farroupilha, mais conhecido como Parque da Redenção, é um local muito tradicional em Porto Alegre para passeio e lazer, principalmente aos domingos. No parque como um todo, era realmente expressivo o número de pessoas por todas as partes, passeando, tomando chimarrão, levando seus cachorros para passear e praticando esportes. Partindo do Monumento ao Expedicionário, o público do *show* se concentrava próximo a onde se encontravam os tapumes que encobriam o chafariz central do parque, que passava por reparos. No evento no Facebook, havia postagens de pessoas perguntando em que área seria, pois haviam chegado cedo. Ao chegar no parque, o local onde seria realizado o *show* foi identificado não apenas pela aglomeração de pessoas, pois boa parte do parque estava assim, mas também pela “bicicletinha” que é o símbolo da banda e é utilizada como instrumento diferenciado em algumas canções.

O público que já estava presente, composto por no mínimo 500 pessoas, espalhava-se pelo gramado em torno do espaço onde a banda iria ficar, com as pessoas sentadas em cangas, com comidas de piquenique e chimarrão. Era visível que, mesmo na espera, os presentes estavam desfrutando do momento, conversando entre si, reencontrando pessoas. Quando o *show* iniciou, a maior parte do público percebeu que não iria conseguir escutar adequadamente o som. A autora que realizou a observação estava entre estas pessoas, e inclusive chegou a problematizar se esta seria uma experiência válida para análise, em razão de não ter ocorrido a adequada fruição do *show*. No entanto, impôs-se o fato de que, enquanto provavelmente o número máximo de 50 pessoas estava escutando adequadamente o *show*, se estava, então, vivenciando o mesmo que a maioria restante, ou seja, possivelmente essa fosse a vivência mais real desta apresentação.

Importante observar que, mesmo diante das condições, o público não se dispersou. Seu comportamento foi o de permanecer, tentar escutar partes das canções, cantar junto quando as identificava, aplaudir quando percebia o fim de alguma das músicas. Ao final do *show*, os músicos se levantaram, e o público foi aos poucos também se levantando: os que escutavam, dançaram; todos bateram palmas e celebraram aquele momento. Somente após isso aconteceu a dispersão dos presentes.

A imagem que segue, produzida pela autora que realizou a observação durante o *show*, ilustra como permaneceu o ambiente durante sua realização.

Figura 1 – Fotografia produzida durante o *show*, retratando o público. Ao centro, ao fundo, encoberta pelos raios de sol, está a banda Apanhador Só



Fonte: Belisa Zoehler Giorgis (2015)

Para este trabalho, optou-se pelo uso do termo “imersão etnográfica”, em lugar de “etnografia”, em razão ter sido realizado por quem não é antropólogo. Trazendo então, com os apontamentos da imersão etnográfica, a relação com o conceituado por

Geertz (2008), considerando-se a cultura como pública e um documento de atuação, busca-se verificar como, dentro do simbólico que permeia um padrão de comportamento, se articulou o ocorrido no *show* descrito. Conforme Geertz (2008), tem-se que as formas culturais encontram sua articulação por meio do fluxo de comportamento.

Relaciona-se nesse processo que, conforme Wagner (2010), a imparcialidade do pesquisador deve ser tanta quando possível, considerando a objetividade e a relatividade cultural, ao verificar-se que o olhar do pesquisador sobre uma cultura parte de uma outra cultura, e é essa relação intelectual que possibilita a análise. Também está imbricada nisso a questão de o pesquisador inventar uma cultura que estuda, como observação e aprendizado, e com a geração do constructo explanatório a partir do choque cultural que evidencia diferenças e similaridades. Assim, pode-se dizer que, mesmo sendo a autora que realizou a observação parte do público da banda, evidenciou-se como diferença, primeiramente, a atitude sincera da banda no dia anterior ao *show*, admitindo possíveis dificuldades; a presença massiva do público, ainda que diante do aviso; a fidelidade do público e o empenho da banda; a adesão do público ao momento final do *show*. Estes foram pontos, nessa “invenção da cultura” que consiste da imersão etnográfica, que trouxeram mais estranhamento quando da observação. Parece claro que há um tipo de código estabelecido em razão da forma de relacionamento da banda com seu público que propicia este tipo de comportamento, que representa respeito, apoio, identificação.

Hall (2006), apresenta a questão da identidade fragmentada na pós-modernidade, cujo conceito é complexo e ainda possui um desenvolvimento e compreensão incipientes nas ciências sociais. Nesse processo, conforme o autor, se evidenciam no sujeito diferentes identidades, por vezes contraditórias entre si. Ocorre um processo de reconfiguração das noções de global e local a partir da globalização, com implicações na forma como se estabelece a cultura, a partir de códigos próprios e diferentes características. Ao mesmo tempo, os fluxos culturais articulam-se de forma diferenciada no espaço e no tempo no contexto atual, assim, como se estabelecem diferentes formas de vida, a partir de um processo permanente de transformação, o que reverbera na construção das identidades.

Essas questões se articulam tanto relacionadas nas formas de realização e viabilização das ações da banda, num olhar da construção de sua trajetória, como também, de forma indissociável, a respeito do comportamento do público. Nisso, tem-se

que, no contexto contemporâneo, diferentes transformações se articularam no processo de realização do *show*. Foram apresentadas possíveis formas de viabilização do momento, por parte da banda e do público, num processo de adaptação e união de partes das identidades fragmentadas de todos os imbricados no processo, com o objetivo de um bem comum. Ações coletivas dessa natureza vêm se tornando parte relevante da cultura contemporânea em sua reconfiguração.

Considerações finais

Considera-se, para este trabalho, que foram alcançados os objetivos propostos, a partir da produção de apontamentos que possibilitassem um olhar etnográfico sobre o *show* “Acústico-Sucateiro” da Apanhador Só, buscando relacionar com a conceituação de etnografia, assim como à de cultura e de identidade. Optou-se pelo uso de autores que trazem um olhar contemporâneo sobre as temáticas levantadas, de modo a propiciar uma abordagem mais assertiva.

Impôs-se como dificuldade principal o ato de imersão etnográfica por uma autora não antropóloga. Aliado a isso, o fato desta estar pessoalmente envolvida com o objeto a ser observado, por vir acompanhando como admiradora a trajetória da banda pelo menos desde 2011.

O movimento de distanciamento tratou-se de exercício necessário ao processo, como forma de poder visualizar os diferentes aspectos necessários à compreensão. No entanto, salienta-se também a importância do afeto na ação, por conta do olhar que pode vir a propiciar uma compreensão mais apurada do observado, por estar aliado à uma experiência estética e relacional.

REFERÊNCIAS

APANHADOR Só. **Site oficial da banda Apanhador Só**. Disponível em:
<<http://www.apanhadorso.com.br>>. Acesso em: 02 agosto 2015.

_____. **Apanhador Só - Acústico-sucateiro crowdfundístico na Redenção**.
Evento no *site* de rede social Facebook. Disponível em
<<https://www.facebook.com/events/731366943656417/>>. Acesso em: 02 agosto 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.